

SBAIT orienta médicos para atendimento correto às mulheres vítimas de violência

Profissionais dos Prontos-Socorros são fundamentais no encaminhamento correto deste tipo de caso

Esta semana será marcada por duas ações importantes a favor das mulheres: a primeira é a aceleração de audiências e julgamentos de casos de violência contra a mulher, principalmente homicídios. A segunda é a sanção da lei que tipifica o feminicídio como crime no Brasil. Mas ainda temos como desafio evitar que os casos de violência contra as mulheres cheguem ao ponto de se tornar um homicídio. E a melhor forma é orientar essas vítimas de violência doméstica sobre como agir em uma situação como esta. Por isso, a SBAIT (Sociedade Brasileira de Atendimento Integrado ao Traumatizado) está promovendo uma ação para explicar a seus associados, a maioria médicos do Trauma, sobre a importância de oferecer um atendimento adequado às mulheres vítimas de violência, que chegam diariamente aos prontos-socorros de todo o País.

Neste mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, a entidade está enviando um comunicado aos médicos para que eles saibam como agir diante deste tipo de situação. "Quando conversamos com especialistas da área de atendimento à mulher, eles criticam que é comum os médicos dos prontos-socorros não darem a devida atenção para casos de violência contra a mulher, muitas vezes, agindo até com preconceito e machismo", explica o presidente da SBAIT, Dr. Gustavo Fraga. "E nós sabemos que se houver um acolhimento correto, há mais chances de esta mulher sair dessa situação e de o caso ser notificado, já que a subnotificação agrava ainda mais o problema, inviabilizando até políticas públicas", diz. Clique [aqui](#) para ver o comunicado.

A Pesquisa Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, divulgada em 2013 pelo DataSenado, estima que mais de 13,5 milhões de mulheres já sofreram algum tipo de agressão no País e que cerca de 700 mil mulheres ainda continuam sendo vítimas deste tipo de violência.

O Disque 180 - Central de Atendimento à Mulher, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, realizou 265.351 atendimentos no primeiro semestre do ano passado. As denúncias de violência corresponderam a 11% dos registros, ou seja, 30.625 casos. Em 94% deles, o autor da agressão foi o parceiro, ex ou um familiar da vítima. Os números apontam, ainda, que 77% das mulheres em situação de violência sofrem agressões semanal ou diariamente.

De acordo com a coordenadora da Rede Iluminar de Cuidados às Vítimas de Violência Sexual de Campinas e membro do Núcleo de Prevenção às Violências e Promoção da Cultura de Paz de Campinas, Dra. Verônica Gomes Alencar, os prontos-socorros não estão preparados para acolher este tipo de vítima e nem para fazer a abordagem ideal. "Nós precisamos capacitar esses profissionais. Eles precisam entender o que é violência de gênero, direcionar para a diminuição do machismo e do preconceito e fazer uma escuta competente e afetiva", orienta. "Essas mulheres não contam que foram vítimas de violência doméstica, mas os médicos conseguem saber que a lesão não foi causada por um tombo, e sim por um soco, por exemplo", afirma.

Em Campinas, no primeiro semestre do ano passado, foram registrados 195 casos de violência contra a mulher. A faixa etária mais atingida é a entre 30 e 39 anos. No ano anterior, 2013, foram 466 registros, sendo 193 casos de violência física. Na maioria das vezes, o agressor é o companheiro ou esposo da vítima.

"Esses números estão muito abaixo do que aconteceu. É totalmente subnotificado e isso inviabiliza políticas públicas porque, sem estatísticas, não conseguimos financiamento", explica Verônica.